

## **Objetos Paradoxais e Ideologia\***

### **Objetos Paradojals y Ideología**

**Mónica G. ZOPPI-FONTANA\* \***

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp)

#### **RESUMO**

Este texto propõe um trajeto de leitura que percorre diversos textos de Michel Pêcheux, visando traçar os contornos do conceito de ideologia e sua relação constitutiva com os conceitos de sujeito e linguagem. Objetiva-se mostrar o trabalho constante de formulação/reformulação da articulação destes conceitos nos diferentes momentos da teoria e mostrar o impacto desta reescritura conceitual na reflexão desenvolvida pelo autor sobre a questão do sentido. Especialmente, destaca-se o caráter paradoxal atribuído pelo autor à ideologia e aos objetos de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais, e enfatiza-se a dimensão teórica e política reconhecida pelo autor na prática de reflexão intelectual.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Ideologia. Discurso. Sentido. Ciências Humanas e Sociais. Sujeito.

#### **RESUMEN**

*Este texto propone un trayecto de lectura que recorre diversos textos de Michel Pêcheux, con el objetivo de trazar los contornos del concepto de ideología y su relación constitutiva con los conceptos de sujeto y lenguaje. Nuestra meta es mostrar el trabajo constante de formulación/reformulación de la articulación de estos conceptos en los diferentes momentos de la teoría y mostrar el impacto de esta reescritura conceptual en la reflexión desarrollada por el autor sobre la cuestión del sentido. Se destaca, especialmente, el carácter paradójico atribuido por el autor a la ideología e a los objetos de conocimiento de las Ciencias Humanas y Sociales, y se enfatiza la dimensión teórica y política reconocida por el autor en la práctica de reflexión intelectual.*

#### **PALABRAS-CLAVE**

*Ideología. Discurso. Sentido. Ciencias Humanas y Sociales. Sujeto.*

\* Uma primeira versão ligeiramente diferente deste texto foi apresentada no "I SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO. Michel Pêcheux e Análise de Discurso, uma relação de nunca acabar", realizado na Universidade Federal de Rio Grande do Sul em novembro de 2003.

\*\* Sobre a autora ver página 59.

*Os frios espaços da semântica exalam um sujeito ardente.*

## Considerações iniciais

Este meu texto propõe um trajeto de leitura que, tomando como eixo o livro **Les Vérités de la Palice. Linguistique, Semantique, Philosophie**, de Michel Pêcheux (1975)<sup>1</sup>, percorre outros textos do mesmo autor, visando traçar os contornos do conceito de ideologia e sua relação constitutiva com os conceitos de sujeito e linguagem, conforme a Teoria de Análise de Discurso proposta por este autor. O interesse é fazer visível o trabalho constante de formulação/reformulação da articulação entre estes conceitos, nos diferentes momentos da teoria, e mostrar o impacto desta reescritura conceitual na reflexão desenvolvida pelo autor sobre a questão do sentido. Especialmente, gostaria de destacar o caráter paradoxal atribuído pelo autor à ideologia e aos objetos de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais e enfatizar, conseqüentemente, a dimensão teórica e política reconhecida pelo autor para a reflexão intelectual que se ocupa dos processos de produção de sentido e sua imbricação necessária com a prática política.

Dos vários textos de Michel Pêcheux, **Les Vérités de la Palice. Linguistique, Semantique, Philosophie**, é o meu preferido. Difícil dizer por quê. Talvez, pelo desafio que me impõe a cada nova leitura, pela riqueza inesgotável do texto, pela originalidade da reflexão teórica, pela força da crítica epis-temológica, pela desterritorialização inquietada das fronteiras disciplinares. Talvez, pela honestidade intelectual com que (se) expõe a (auto)crítica, pela urgência combatente que transpira a teoria, pelo testemunho explícito de uma prática coletiva de produção de conhecimento. Ou talvez seja porque

é um texto que resiste, mais intensamente que outros, a qualquer tentativa de leitura definitiva ou totalizante. Talvez, simplesmente, eu seja capturada pela escrita, ao mesmo tempo conceitualmente precisa e ironicamente cúmplice.

Mas não é só por esta declarada preferência que inicio com este texto o trajeto de leitura proposto. O que faz deste livro o eixo em torno do qual outros textos se organizam é o alto grau de elaboração conceitual da teoria nele alcançado e os efeitos de incompreensão e/ou desconhecimento que provocou nos seus contemporâneos dentro do campo das três disciplinas explicitamente citadas no título. Assim, poderíamos começar o nosso percurso de leitura pelas ressonâncias que sua publicação provocou na conjuntura intelectual e política da época.

Tomemos três resenhas que apareceram em 1976 e 1980 sobre o livro, cujos lugares de publicação já testemunham o efeito do texto nos diversos públicos aos quais Pêcheux se dirige explicitamente:

1. a primeira publicada no **Journal de Psychologie Normale Et Pathologique** (1976) ;

2. a segunda publicada na **Revue Philosophique de la France et de L'étranger** (1976) ;

3. a terceira publicada na **Revue Philosophique de Louvain** (1980), na seção da revista destinada às publicações recentes em Filosofia das Ciências, Epistemologia e Lógica.

A esta lista podemos acrescentar um artigo de autoria de J. Guilhaumou e D. Maldidier publicado na revista **Dialectiques**, em 1979, dentro de um dossiê especial que leva por título **Lingüística crescimento zero**, e o artigo

<sup>1</sup> Tradução de Eni Orlandi et al. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

publicado por Mark Cousins e Athar Hussain na revista **The Sociological Review**, em 1986, após o lançamento da tradução ao inglês **Language, Semantics and ideology** (1982) de **Les Vérités de la Palice**.<sup>2</sup> A leitura destas resenhas nos permite tecer algumas considerações sobre o impacto do livro de Pêcheux nos seus contemporâneos.<sup>3</sup>

No campo da Psicologia, o autor da resenha publicada no **Journal de Psychologie Normale et Pathologique** (1976), Frédéric François, aponta para o alcance epistemológico amplo e crítico do livro, e, após fazer uma apresentação sumária e favorável ao texto, tematizando a questão da semântica e seus avatares enquanto campo de conhecimento, destaca os percursos teóricos pelos quais Pêcheux propõe pensar “a gênese ideológica do sujeito”. Na sua leitura do livro, o autor chama a atenção para “as condições de funcionamento da ideologia burguesa e sua forma de interpelar os indivíduos em sujeitos livres, com todas as manipulações psicossociais que nos rodeiam”.<sup>4</sup> Da resenha, retenhamos esta última frase, que interpreta o funcionamento da língua na interpelação ideológica como um conjunto de “manipulações psicossociais que nos rodeiam”. Paradoxal e irônica leitura para o texto mais orgânico<sup>5</sup> de quem orientou sua prática científica para produzir uma rachadura profunda nos alicerces bem fincados da Psicologia Social! Frase reveladora que sinaliza o desconhecimento<sup>6</sup> necessário que perpassou os círculos intelectuais da época em relação à incisiva proposta teórica e

política que o livro de Pêcheux propunha. Incompreensão constitutiva que posiciona epistemologicamente o campo da Psicologia Social nas antípodas de uma escrita forte que corrói conceitualmente seus fundamentos.

No campo da Filosofia, instala-se um debate entre posições contrárias, dentro do qual o desconhecimento ideológico se traveste de objetividade. Por um lado, encontramos uma posição, presente na resenha de Jean-Marc Gabaude publicada na **Revue Philosophique de Louvain** (1980), que saúda o livro de Pêcheux como reflexão inovadora que avança uma série de hipóteses que permitem “passar ao materialismo” e analisar althusserianamente a problemática da produção de sentido, demonstrando a natureza paradoxal da semântica, definida como “ponto nodal onde se condensam as contradições que organizam hoje a lingüística nas suas diversas tendências”.

Por outro lado, encontramos uma posição contrária, defendida na resenha de André Reix publicada na **Revue Philosophique de la France et de L'étranger** (1976), que conclui que “apesar das brilhantes discussões, Michel Pêcheux corre o risco de converter somente aos crentes”, entre outras razões por não demonstrar a tese segundo a qual “as pesquisas neste domínio [da semântica] estão subordinadas a uma questão prévia de natureza ao mesmo tempo teórica e política”. Conforme o autor da resenha, é justamente “isto que é necessário demonstrar”,<sup>7</sup> juntamente com a afirmação de que “a semântica

<sup>2</sup> Agradeço a Vera Regina Martins e Silva Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) por ter facilitado o acesso aos textos que aqui se comentam.

<sup>3</sup> Não havendo indicação em contrário, as traduções dos fragmentos doravante citados são minhas.

<sup>4</sup> “[...] les conditions de fonctionnement de l'idéologie de la bourgeoisie et sa façon d'interpeler les individus en sujets libres, avec toutes les manipulations psychosociales qui nous entourent”.

<sup>5</sup> Conforme Mالدیدier (1990), **Les Vérités de la Palice** constitui, no trajeto teórico de M. Pêcheux, “o grande momento de ordenação dos conceitos”.

<sup>6</sup> No sentido de “méconnaissance”, isto é, de efeito ideológico de desconhecimento, conforme definido por Pêcheux (1975, p. 32).

<sup>7</sup> Na sua versão original em francês é possível perceber um forte tom irônico perpassando todo o texto da resenha, em especial no fragmento que comentamos: “Les recherches en ce domaine sont donc ‘subordonnés à une question préalable de nature à la fois théorique et politique’. Ce qu'il faut démontrer. Secondement, et par voie de conséquence, affirme M. Pêcheux, ‘la sémantique a affaire à la philosophie’. De brûlants problèmes sont visiblement en jeu qui, par le biais de quelques hypothèses, permettront de ‘passer au matérialisme’”. Os destaques das formulações citadas do livro de Pêcheux sinalizam para nós, analistas, as fronteiras desenhadas imaginariamente pelo autor da resenha para se proteger do discurso adversário que o assombra.

tem a ver com a filosofia”. Retenhamos esta última frase, porque nela vemos refletidos os traços de uma abordagem neopositivista da ciência que reduz uma tomada de posição epistemológica (pelo materialismo histórico) a uma questão técnica de metodologia e escrita científicas (procedimentos de demonstração e falsificação de hipóteses). Vemos, também, a impossibilidade para esse lugar epistemológico (do neopositivismo) de pensar dialeticamente a contradição que constitui os objetos de conhecimento das Ciências Sociais e humanas em geral, e da semântica em particular, impossibilidade que leva a rejeitar uma teoria cuja escrita foge das malhas redutoras do dilema lógico (disjunção exclusiva *ou...ou*) e afirma corajosamente a natureza *teórica e política* de seus objetos.

No campo da Sociologia encontramos, como comentário à versão em inglês do livro, algumas afirmações que nos interessa reter; os autores Cousins e Hussain (1986, p. 158-159) iniciam seu artigo afirmando que:

Teorias marxistas da ideologia se movem em profunda conformidade com as linhas dominantes de pensamento da Sociologia. A sociedade é concebida como um objeto de tipo especial, de um tipo tal que a diferencia estritamente de outros objetos. Um elemento deste seu caráter especial é o fato de que a sociedade funciona como uma unidade coerente e deve ser portanto concebida como tal. Uma condição constitutiva e fundadora deste objeto é ser concebido como produto de dois elementos: agenciamento e estrutura. Tomada em conjunto a ação do agenciamento e da estrutura um sobre outro se produz a sociedade. Para conhecer isto, para conhecer como a sociedade é produzida desta forma, há um tipo apropriado de conhecimento: as ciências sociais. Este conhecimento é um conhecimento ao mesmo tempo de objetos e causas.

Estas são as evidências com que começa um artigo que, por outra parte, consegue apresentar com justeza o texto de Pêcheux e sua reflexão sobre os mecanismos de interpelação do sujeito e de constituição do sentido. Evidências contra as quais Pêcheux elabora os conceitos da Teoria do Discurso, justamente para desmontar teoricamente as interpretações que levam a descrever a sociedade como “uma unidade coerente”. Na linha althusseriana, Pêcheux (1975) rejeita a tese de que a sociedade “é um objeto de tipo especial que funciona como uma unidade coerente”, cuja descrição possa ser comparável a de um organismo vivo (um todo orgânico) ou a de um conjunto ordenado de indivíduos (o resultado da somatória dos indivíduos que a compõem). É esta posição materialista na teoria, que contesta o estudo da sociedade como “um conhecimento ao mesmo tempo de objetos e causas”, que permanece incompreendida para os autores da resenha citada.

Este rápido percurso pelas leituras feitas na época sobre **Les Vérités de la Palice** nos permite aproximarmos do livro de Pêcheux a partir de algumas constatações.

Sua reflexão, que conforme indicado no subtítulo da versão original em francês, percorre os campos disciplinares da Lingüística, da Semântica e da Filosofia, produziu pouco impacto no domínio dos estudos lingüísticos da época, mas ressoou de diversas maneiras nos domínios da Filosofia, das Ciências Sociais, da Psicologia.<sup>8</sup> Porém, essas ressonâncias retomam todas um mesmo ponto inicial a partir do qual produzem diversos efeitos de leitura; esse ponto de partida consiste nas análises lógico-semânticas e na crítica teórica e epistemológica ao campo da Semântica desenvolvida por Pêcheux no seu livro. É por

<sup>8</sup> Guilhaumou e Maldidier (1979, p. 7) descrevem o início da Análise de Discurso em 1969 da seguinte maneira: “Une nouvelle discipline, *l’analyse du discours* devait dès lors se constituer. Elle s’assignait un champ à la limite de la Linguistique et de l’Histoire. Cela n’allait pas sans résistances : linguistes, historiens et sociologues refusaient de lui céder du terrain...Aujourd’hui il apparaît plus clairement que l’analyse du discours, en se constituant, a empiété sur des domaines aussi divers que l’analyse de contenu, l’histoire des idées, la psychologie sociale, la sémiotique, voire la psychanalyse”.

apresentar uma reflexão sobre o sentido e sobre as regiões de conhecimento que constituem o sentido como seu objeto de conhecimento que filósofos, psicólogos e sociólogos respondem de diversas maneiras à provocação teórica lançada por Pêcheux no seu livro. É fácil conferir esta convergência se olharmos a frase inicial dessas resenhas:

A semântica se pretende uma ciência. Mas ela é hoje uma outra coisa: o ponto nodal onde se condensam as contradições que assombram a lingüística atual. Assim declara o autor, que, como bom discípulo de Althusser, revela dentro deste ramo do saber extensões singulares em direção à lógica, certamente, mas também à retórica e à teoria científica da propaganda (REIX, 1976, p. 104-105).

O subtítulo do livro oferece uma idéia da amplitude do campo de questões visadas. O autor quer inicialmente precisar o que se deve entender por semântica para assim criticar as evidências ideológicas subjacentes às análises lingüísticas tradicionais. Depois propõe uma análise marxista do funcionamento da ideologia e das práticas discursivas (FRANCOIS, 1976, p. 490-491).

Eis aqui uma análise althusseriana da semântica, que critica tanto o idealismo metafísico quanto o empirismo e formalismo aliados no neopositivismo, e que ademais denuncia a reinscrição deste último em um materialismo histórico desviado em humanismo (GABAUDE, 1980, p. 159-160).

O que uma reflexão teórica sobre a questão do sentido, tal como pensado por Pêcheux, convoca nesses outros espaços de produção de conhecimento?

Voltemos agora ao texto de Pêcheux para tentar alguma resposta.

### O ponto cego da Semântica Lingüística

Após uma nota prévia onde se descrevem os campos de questões da Semiótica, da Semântica e da Semiologia, Pêcheux inicia o primeiro capítulo do livro **Les Vérités de la**

**Palice** se interrogando sobre as relações entre Estado e movimento operário nas sociedades socialistas existentes. É a partir dessa análise da conjuntura política e da necessidade de desenvolver uma reflexão crítica sobre o stalinismo que se introduz no texto a questão da semântica. Citando Pêcheux (1975, p. 17):

Em suma, o ressurgimento das pesquisas semânticas à luz do marxismo é contemporâneo ao XX Congresso do PCUS e, também, ao começo da, assim chamada, era “informática e espacial”. Desde essa reabilitação, o tempo passou e, tanto no Leste como no Oeste, os estudos nesse domínio se multiplicaram.

Assim, para “julgar sobre fatos”, como diz o próprio Pêcheux, ele vai proceder a uma análise de textos de semanticistas, filósofos e lógicos para desnaturalizar as evidências que fazem da Semântica uma disciplina científica complexa e moderna, reconhecida como um ramo da Lingüística. Começando pelo texto de Adam Shaff, Pêcheux resume a lista de evidências que habitam o campo e que se encontram modeladamente representadas no autor russo:

- 1) há coisas [“objetos” e “processos materiais”] e “pessoas”, sujeitos dotados da intenção de comunicar [“nós comunicamos por meio de”...];
- 2) há objetos que se tornam signos, isto é, que remetem a outros objetos, pelo “processo social da semiose”;
- 3) há enfim as ciências humanas, que têm cada uma o que dizer sobre a linguagem e a fala, formando um verdadeiro entroncamento interdisciplinar (PÊCHEUX, 1975, p. 19).

Pêcheux vai acompanhar o trajeto percorrido por essas evidências na história do pensamento lógico-filosófico ocidental e, para isso, vai utilizar como observatório uma estrutura lingüística: a oposição entre “aposição explicativa” e “determinação”, em particular no caso das construções relativas do tipo “o homem que é racional é livre”, exemplo analisado no texto

**Effets discursifs liés au fonctionnement des relatifs en français** de 1979, onde o autor propõe duas interpretações possíveis:

- 1- Todo homem, sendo racional, é, portanto, livre;
- 2- Somente os homens racionais são livres.<sup>9</sup>

O interesse das subordinadas relativas adjetivas para a Teoria do Discurso se encontra justamente no fato desta estrutura dar lugar, como já vimos, a pelo menos duas interpretações semânticas cuja pertinência como leitura apropriada da frase não pode ser decidida exclusivamente por critérios gramaticais, permitindo observar, desta maneira, os efeitos dos processos discursivos sobre o funcionamento da sintaxe.<sup>10</sup> Por outro lado, a essa oposição formal se acrescenta uma série de oposições conceituais que funcionam como grade interpretativa do funcionamento dessa forma lingüística. Nas palavras de Pêcheux, descrito por Malidier (1990) como “um filósofo inquieto com a lingüística”:

[essa oposição lingüística] chama, irresistivelmente, para a reflexão lingüística, considerações sobre a relação entre objeto e propriedades do objeto, entre necessidade e contingência, entre objetividade e subjetividade, etc. que formam um verdadeiro balê filosófico em torno da dualidade Lógica/Retórica (PÊCHEUX, 1975, p. 28).

Perseguir esses pares no texto de Pêcheux e descrever a maneira como o autor analisa as evidências filosóficas e ideológicas que os sustentam ultrapassa em muito o espaço reduzido deste texto.

Apenas vou trazer a citação de um fragmento do primeiro capítulo de **Les Vérités**

**de la Palice** para iniciar um percurso por outros textos de Pêcheux e poder retomar, assim, a análise das frases que retivemos das resenhas já comentadas.

Começo, então, por uma questão colocada ironicamente nesse primeiro capítulo. Após uma análise sumária das práticas teóricas e políticas da esquerda da época, sobretudo nos países socialistas, e de uma revisão crítica das evidências que perpassam as análises semânticas propostas por autores como A. Schaff, N. Chomsky, P. Kiparsky, a Filosofia Analítica da Escola de Oxford e a Sociolingüística (através de W. Labov, U. Weinrich), Pêcheux conclui:

Uma questão teórica, portanto, que procuraremos apreender tanto em seu desenvolvimento filosófico quanto nas suas repercussões lingüísticas; mas veremos que essa questão é também, diretamente, uma questão *política*: o fato de que Lênin se tenha preocupado, em seu tempo, em intervir na questão do empiriocriticismo constitui, a esse respeito, um primeiro índice. As condições políticas através das quais o marxismo contemporâneo tem, entre outras coisas, se encontrado com a “semântica” – a saber, como dissemos, o XX Congresso do PCUS e o início da era “atômica e espacial” – constitui um outro índice; os frios espaços da semântica exalam um sujeito ardente. (PÊCHEUX, 1975, p. 30, grifos do autor).

Logo a seguir, Pêcheux alerta o leitor da seguinte maneira:

A propósito, uma observação de passagem, que o leitor poderá guardar num canto de sua cabeça ao longo do “desvio” dos dois primeiros capítulos: os semanticistas se utilizam de bom grado, como veremos, de classificações dicotômicas do tipo abstrato/concreto, animado/não animado, humano/não humano, etc., que, se fossem aplicadas exaustivamente

<sup>9</sup> Pêcheux (1979, p. 275) conclui, em relação ao exemplo comentado: “Le choix entre les deux interprétations n’est évidemment pas de nature linguistique. Il en va de même, à plus forte raison, dans le cas des discours politiques”.

<sup>10</sup> Observamos a impossibilidade de discernir gramaticalmente a interpretação adequada no seguinte exemplo, adaptado do texto de Pêcheux já citado (1979): na frase “os sindicatos que defendem os direitos dos trabalhadores apoiarão a greve”, a subordinada relativa adjetiva pode ser interpretada, conforme a posição de sujeito na qual se inscreve o leitor, tanto como determinativa/restritiva (“só os sindicatos que se alinham com os trabalhadores”, o que supõe a existência de sindicatos pelegos), quanto como explicativa/afirmativa (“todos os sindicatos”, dado que a defesa do direito dos trabalhadores seria uma propriedade essencial e constitutiva da definição dos sindicatos).

até o limite máximo, constituiriam uma espécie de *história natural do universo*:

- por exemplo, *uma cadeira* seria, segundo J. Katz, caracterizada pelos seguintes traços: (objeto) – (físico) – (não animado) – (artificial) – (portátil) – (com pés) – (com encosto) – (com assento) – (para uma pessoa);
- da mesma forma, *um solteiro* será caracterizado como (físico) – (animado) – (adulto) – (masculino) – (não casado), o que autoriza a “tirada” à La Palice (aliás bastante suspeita) que faz com que, se alguém não é casado, é porque é solteiro;
- mas suponhamos que se queira abordar, por meio dessa classificação, realidades tão estranhas quanto a *história*, ou *as massas*, ou ainda a *classe operária*... O que dirá o semanticista? Trata-se de objetos, ou de coisas? Ou de sujeitos, humanos ou não-humanos? Ou de coleções de sujeitos? Gozado como a máquina de classificar de repente se enrola... No entanto, ela funcionava com respeito a *pessoas e coisas*! Será que, por acaso, para funcionar, ela tem necessidade do espaço universal abstrato do direito tal como o modo de produção capitalista o produziu? [...] Em todo caso, o leitor já deve estar agora com a pulga atrás da orelha, e se além disso, leu um dos recentes textos publicados por Althusser,<sup>11</sup> sabe então que, apesar de ele nunca ter falado de “Semântica”, nesse texto é levantada a questão de saber se, a exemplo do homem (com *h* minúsculo ou maiúsculo), a história, as massas, a classe operária são ou não *sujeitos*, com todas as conseqüências que daí resultam (PÊCHEUX, 1975, p. 30-31, grifos do autor).

Assim, de forma singela e incisiva, Pêcheux coloca a pulga atrás da orelha dos vários leitores com os quais dialoga no seu texto:

- do semanticista, ao alertar sobre a perversa banalidade de seus quadros classificatórios;
- do filósofo, ao colocar em questão a oposição dicotômica, instável e não evidente, entre sujeito/objeto;

- do sociólogo, ao lembrar do funcionamento do aparelho jurídico na organização do real e de sua representação imaginária;
- do militante, ao chamar a atenção para os processos de identificação/subjetivação na prática política;
- do lingüista, ao mostrar o equívoco inerente a toda nomeação e o funcionamento tendencial da interpretação.

Leitores todos para os quais se revelam, sob a simulação de um campo de questões próprio da Semântica, *problemas teórica e politicamente ardentes*.<sup>12</sup>

Nos capítulos do livro dedicados ao estudo dos trabalhos de Frege que descrevem o funcionamento da nomeação,<sup>13</sup> Pêcheux volta a abordar esse problema. Conforme Maldidier (1990):

É por uma (re)leitura materialista de Frege que Michel Pêcheux empreende (re)trabalhar a questão lógico-lingüística das relativas [...]. Esta leitura desemboca na análise de dois funcionamentos: o *pré-construído* e a *articulação dos enunciados*. Estas noções-chaves permitem passar do terreno lógico-lingüístico ao da Teoria do Discurso [...] Apreendemos como o pré-construído pode articular ao mesmo tempo o efeito de anterioridade ou de distância e o efeito de identificação ou de reconhecimento. A releitura de Frege faz também voltar a política. A questão de Frege sobre a denotação da expressão a “vontade do povo” faz parte dessas questões obsidianas que estimulam o pensamento de Michel Pêcheux. Uma questão que conjuga nele o amor à língua e à política (MALDIDIER, 1990, p. 47).

Nesses capítulos,<sup>14</sup> Pêcheux desenvolve uma reflexão crítica sobre a oposição nomes próprios/nomes comuns, apresentada por Frege, apontando para o equívoco idealista que

<sup>11</sup> “Idéologie et Appareils idéologiques d’Etat”, In: *La Pensée*, n. 151, 1970; p. 3-38.

<sup>12</sup> Retomamos aqui uma frase presente na quarta capa da edição original francesa: “Sous la sémantique, des problèmes théoriquement et politiquement brûlants sont donc en jeu” (PÊCHEUX, 1975, quarta capa).

<sup>13</sup> Cf. os artigos de G. Frege “Sentido e referência” e “Função e conceito”, publicados em *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1978.

<sup>14</sup> Cap. 2 “Determinação, formação do nome e encaixe” e cap. 3 “Articulação de enunciados, implicação de propriedades, efeito de sustentação” da II Parte “Da Filosofia da Linguagem à Teoria do Discurso”.

impede de ver a função constitutiva e não derivada, inferida ou construída da metáfora (da metonímia = a França/o rei da França/os Franceses) e correlativamente, leva a ignorar a *eficácia material do imaginário* (PÊCHEUX, 1975, p. 119, grifos do autor).

Pêcheux avança, ainda, uma hipótese:

[...] em relação à origem do “equivoco” positivista, que leva a raciocinar “fora da questão”, a partir do momento em que, de uma maneira ou de outra, a política entra em cena: tudo se passa, nesse caso, como se a desconfiança “antimetáfora” se convertesse em cegueira com respeito à seriedade das metáforas e sua eficácia; nem por um instante aparece a idéia de que, para que Dupont pertença ao “conjunto dos franceses”, é necessário que ele seja produzido *como francês*, o que supõe a *existência eficaz* não de “Marianne”, mas da “França” e de suas instituições políticas e jurídicas (1975, p. 118-119, grifos do autor).

Vemos, então, como, para Pêcheux, a questão do sentido está *sempre já* constitutivamente ligada à questão do sujeito do discurso e como ambas as questões têm, de forma inseparável, um estatuto teórico e político ao mesmo tempo. Assim, o autor adianta, neste capítulo, o que será uma das teses principais do livro, a da figura da interpelação ideológica e seu funcionamento na produção do sentido e do sujeito no discurso.

Adiantaremos, neste momento, a idéia de que o que está em jogo é a *identificação* pela qual todo sujeito “se reconhece” como homem, ou também como operário, empregado, funcionário, chefe, etc. ou ainda como turco, francês, alemão, etc. e como é organizada sua relação com *aquilo que o representa* (PÊCHEUX, 1975, p. 117, grifos do autor).

É a partir destas questões que o autor define o objetivo do livro como “uma abordagem teórica materialista do *funcionamento das representações e do ‘pensamento’ nos processos discursivos*” (grifos do autor), o que supõe “uma teoria da identificação e da eficácia material do imaginário” (PÊCHEUX, 1975, p.125).<sup>15</sup>

A questão está, pois, colocada: como trabalhar na descrição e análise de realidades complexas com o quadro interpretativo da Semântica Lingüística (e poderíamos acrescentar da Sociologia, da Psicologia Social, da Lógica), dicotômico, oposicional, configurado na forma de dilema lógico-lingüístico (disjunção exclusiva *ou...ou*) que impede qualquer abordagem dialética que faça trabalhar as contradições que fundam essas oposições? Quais são as evidências na Lógica e na Lingüística que suportam materialmente essa oposição? Quais os efeitos dessa oposição sobre a análise semântica das formas lingüísticas? Quais os efeitos sobre a reflexão filosófica? Quais os efeitos sobre a prática política?

### Contradição e objetos paradoxais

As questões que levantamos, com a reflexão desenvolvida no livro **Les Vérités de la Palice** (conforme mostramos), são tematizadas, também, em um artigo de Pêcheux publicado em inglês em 1978 com o título: *São as massas um objeto inanimado?*<sup>16</sup>

Nesse texto o autor afirma:

O que se chama geralmente de pensamento moderno está marcado por uma oposição entre pessoa e coisa, seja no nível jurídico onde

<sup>15</sup> Cf. o trabalho de Ana Zandwais apresentado junto com este meu texto no mesmo painel do I Seminário de Estudos em Análise do Discurso (I SEAD). Realizado em Porto Alegre, em novembro de 2003 e publicado nos anais (CD-ROM) do evento. Cf. também Indursky (2000), Orlandi (2001) e Zoppi-Fontana (2002).

<sup>16</sup> Observe-se que o artigo “Are the masses an inanimate object?” aparece em uma coletânea de artigos organizada por David Sankoff com o título de **Linguistic Variation**, publicada em Nova York pela Academic Press. A inclusão do texto de Pêcheux, fortemente crítico às teorias sociológicas, no seio de um livro dedicado a estudos de Sociolingüística, permite compreender o caráter polêmico das intervenções do nosso autor no campo da Lingüística e seus efeitos de interferência teórica e política.

aparece como uma distinção entre contrato e propriedade; seja no nível filosófico, entre sujeito e objeto; seja no nível moral, entre intencional e não intencional. Esta oposição jogou sempre um papel importante na análise lógico-filosófica da linguagem e é central hoje na lingüística atual para qualquer discussão de semântica. [...] Podemos citar muitos exemplos em diferentes correntes da lingüística moderna para mostrar como esta distinção aparece semanticamente como auto-evidente nas reflexões que tangem a lógica, o direito, a tecnologia ou a sociologia.

Neste capítulo, vou mostrar e defender uma tese que vou colocar inicialmente na sua forma negativa: *O par semântico pessoa/coisa que se aplica sem nenhum problema aos enunciados da vida cotidiana, não é de forma alguma apropriado para a política no sentido não burguês do termo, i.e. para a política das massas.*

Falar das massas, de transformação política e de revolução – em outras palavras, de história – em termos de pessoas e coisas, sujeitos e objetos, intenções e estado de coisas, como se fossem distinções do sentido comum que se refletem de forma não ambígua na linguagem, é perder completamente a natureza essencialmente ideológica do discurso e do sentido (PÊCHEUX, 1978, p. 251-252, grifos do autor).

[...] A conclusão que pode ser tirada é que não existe uma leitura objetiva de textos políticos porque não existe um entendimento do senso comum em política. Nenhuma semântica universal será capaz de fixar o que se deve entender por **planejamento, transformação política, reforma radical, ação de governo**, etc. porque as palavras, expressões e enunciados mudam de sentido de acordo com a posição de onde são proferidas. Isto constitui a forma positiva da tese que levantei na introdução. Somos assim removidos para longe da transparência da distinção entre pessoa e coisa, sujeito e objeto, intenção e não-intenção, precisamente porque a história, isto é, a luta de classes, não é uma pessoa nem uma coisa; as contradições da luta de classes atravessam e organizam o discurso sem jamais serem claramente resolvidas (PÊCHEUX, 1978, p. 266, grifos do autor).

Nestes fragmentos, mostra-se com a complexidade do pensamento de Pêcheux, que desenvolve, ao mesmo tempo, uma crítica teórica aos métodos de descrição semântica; uma crítica epistemológica ao fechamento do campo disciplinar da Lingüística e à configuração das filosofias espontâneas que habitam as Ciências Sociais e Humanas; e, também, uma reflexão sobre as discontinuidades teóricas e epistemológicas que poderiam intervir/possibilitar uma prática política proletária.

Neste sentido, é importante lembrar que, conforme Pêcheux, uma teoria materialista dos processos discursivos deve não só denunciar as evidências que constituem a filosofia espontânea das práticas científicas de cunho idealista, mas deve, também, construir suas próprias categorias conceituais para poder intervir na luta teórica (propondo uma descrição/interpretação materialista do funcionamento simbólico das práticas sociais e políticas) e na luta política (fornecendo elementos para compreender e, portanto, interferir nos processos de identificação/subjetivação que constituem os sujeitos coletivos das práticas políticas proletárias).<sup>17</sup>

Nessa mesma direção, no artigo *São as massas um objeto inanimado?*, Pêcheux propõe:

Para conceptualizar a luta de classes, ou as lutas das massas, e para orientar-se (as massas) nessas lutas, a prática política do proletariado deve desembaraçar-se das categorias do economicismo/humanismo e produzir suas próprias categorias (i.e. processo, contradição, etc.) (PÊCHEUX, 1978, p. 266).

Duas hipóteses, longamente desenvolvidas no livro **Les Vérités de la Palice**, permitem essa construção teórica e política: uma, que diz a

<sup>17</sup> “Intervir filosoficamente obriga a tomar partido: eu tomo partido *pelo* fogo de um trabalho crítico... Essa tomada de partido obriga a discernir as posições que, no campo da batalha filosófica, precisam urgentemente ser abandonadas daquelas posições que, mais do que nunca, é importante ocupar e defender, sob a condição de que sejam ocupadas e defendidas *de um modo diferente*. É uma questão de precisão: a luta filosófica (luta de classes na teoria) é um processo sem fim de retificações coordenadas, que se sustentam pela urgência de uma posição a ser defendida e fortalecida frente ao que se poderia chamar a adversidade no pensamento. E é assomando a essa ‘linha de maior inclinação’ que a filosofia toca especificamente o real” (PÊCHEUX, 1975, p. 294).

respeito da relação língua/ideologia; outra, que diz a respeito da relação ciência/ideologia. Podemos apresentar essas hipóteses, resumidamente, como segue:

1 - “As contradições ideológicas que se desenvolvem através da unidade da língua são constituídas pelas relações contraditórias que os ‘processos discursivos’ mantêm, necessariamente, entre si, na medida em que se inscrevem em relações ideológicas de classes” (PÊCHEUX, 1975, p. 93). Tese da autonomia relativa de língua e da determinação histórica dos processos de produção do sentido, que nos permite compreender o funcionamento da língua na interpelação ideológica mediante os efeitos de pré-construído e sustentação/articulação dos enunciados (e, conseqüentemente, analisar o funcionamento das representações na constituição do sujeito do discurso, ou, como diz Althusser – citado por Pêcheux – compreender como os sujeitos marcham sozinhos, i.e., por si mesmos).

2 - Existe uma descontinuidade entre conhecimento científico e efeito ideológico de desconhecimento (*méconnaissance*) que atravessa a Lingüística e, principalmente, a Semântica, produzindo a ilusão de uma continuidade segundo a qual se organizariam os enunciados da linguagem, estando os enunciados científicos em um extremo e a conversação corriqueira no outro, e considerando-se os primeiros (os enunciados científicos) como resultado dos segundos (o discurso ordinário, a conversação corriqueira), sobre os quais atuariam processos de abstração/universalização. Tese apresentada no livro **Les Vérités de la Palice** por meio do mito continuísta empírico-

subjetivista,<sup>18</sup> que nos permite compreender o funcionamento do discurso na produção de efeitos de intersubjetividade, consenso/senso comum e universalidade, que trabalham imaginariamente a passagem, via identificação, do individual determinado situacionalmente ao universal indeterminado.<sup>19</sup>

O artigo de Guilhaumou e Maldidier (1979) assinala, indiretamente, esses dois aspectos definitórios da Análise de Discurso defendida por M Pêcheux. No artigo, os autores opõem os trabalhos contemporâneos da Lingüística Social (MARCELLESI; GARDIN, 1974) e da Semântica da História (FAYE, 1972) aos trabalhos da Teoria da Análise do Discurso (Pêcheux e colaboradores de 1969 a 1978) e declaram:

Uma afirmação de saída: os analistas do discurso de cuja prática vamos falar, questionam os postulados fundamentais da sociolingüística:

- o simples pôr em relação o fato lingüístico e o fato social, a pesquisa de clivagens sociológicas a partir de fatos lingüísticos; resumindo, tudo aquilo que se designa habitualmente como co-variação. Eles tentam ir além desta simples justaposição disciplinar; eles se interrogam sobre o estatuto da materialidade lingüística dentro da formação social;

- a evidência do modelo da comunicação segundo o qual passa-se gradualmente do fato de que dois indivíduos em sociedade (se) comunicam necessariamente à comunicação entre grupos sociais. Como se as palavras *circulassem* para o benefício de uns ou outros sem que seja desvelado o segredo de sua produção (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1979, p. 13, grifos dos autores).

Os autores concluem afirmando que, por importantes que tenham sido as contribuições da Lingüística Social e da Semântica da História para o estudo de afrontamentos particularmente

<sup>18</sup> Cf. Pêcheux (1975, p. 127): “Pode-se, aliás, constatar que a relação situação/propriedade é inelutavelmente concebida pela Filosofia da Linguagem (que é, como já dissemos, a ‘filosofia espontânea’ da ciência lingüística) de acordo com o *mito continuísta empírico-subjetivista*, que pretende que, a partir do sujeito concreto individual ‘em situação’ (ligado a seus preceitos e a suas noções), se efetue um apagamento progressivo da situação por uma via que leva diretamente ao sujeito universal, situado em toda parte e em lugar nenhum, e que pensa por meio de conceitos”.

<sup>19</sup> O que nos permite compreender não só o funcionamento dos processos de produção de conhecimento, mas, conforme demonstrei em trabalhos anteriores (ZOPPI-FONTANA, 1999, 2003), os processos de exclusão/deslegitimação de identidades coletivas diferenciais.

sensíveis – anticomunismo; anti-semitismo –, elas não são suficientes.

Poderíamos dizer, junto com Althusser: Este gênero de respostas pragmatistas nos deixa na fome de nossas questões teóricas (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1979, p. 16).

É justamente para “não pensar fora de questão” que Pêcheux desenvolve organicamente em **Les Vérités de la Palice** um conjunto bem ordenado de “elementos conceituais” (efeito de pré-construído, efeito de sustentação, discurso transversal, intradiscurso, formação discursiva, processos discursivos, autonomia relativa da língua, condições de produção, efeito de sentido, processos metafóricos, paráfrase, etc.), organizados em torno dos conceitos-chaves de *interdiscurso e forma-sujeito do discurso*. Não é o objetivo desta apresentação desenvolver teoricamente esses conceitos (nem teríamos o tempo necessário para fazê-lo). Remetemos, para tanto, aos textos de Maldidier (1990) e Orlandi (1999). Queremos destacar aqui o papel central e organizador cumprido nessa série de elementos conceituais pelo conceito de Ideologia (com a inicial em maiúscula, significando *Ideologia geral*) e, a partir dele, da figura da interpelação ideológica. Este é o diferencial da Teoria e da Análise de Discurso proposta por Pêcheux. É no conceito de Ideologia que se articulam as proposições teóricas que descrevem os processos de constituição do sentido e do sujeito no discurso.<sup>20</sup> É também pelo conceito de Ideologia que Pêcheux inscreve sua Teoria do Discurso no materialismo histórico. É, finalmente, o conceito de Ideologia que serve, até hoje, de divisor de águas entre as diversas abordagens discursivas. Conceito central e maldito, especialmente nos tempos atuais, quando este nosso mundo feliz decidiu enterrar a história

decretando a morte das ideologias sob o império das democracias libertadoras!

No seu livro **Les Vérités de la Palice**, Pêcheux comenta o caráter crucial do conceito de Ideologia na sua teoria:

Enquanto categoria filosófica, a Ideologia – distinta de conceitos científicos do materialismo histórico como os de superestrutura ideológica, de formação ideológica, de aparelho ideológico de Estado e de prática ideológica, de ideologia dominante, de relações ideológicas de classe, etc. – não é, pois, o equivalente marxista do erro, da ilusão ou da ignorância. Essa categoria designa o espaço da luta “eterna” entre duas tendências:

- a tendência idealista, que visa identificar o processo sem sujeito a um sujeito – cf. a saborosa acusação que Hegel dirige, em **La Science de la logique**, a Espinosa: “falta à Substância o princípio de Personalidade”! –, tendo como “fim” a unificação do real sob a forma de unificação do pensamento;
- a tendência materialista, que visa desfazer essa identificação, colocando o real (incluindo-se nele o pensamento que, sob uma forma específica, é, por ele, determinado) como um processo não-unificado, atravessado por desigualdades e por contradições (PÊCHEUX, 1975, p. 275).

A partir dessa centralidade do conceito de Ideologia, Pêcheux (alinhado com os trabalhos de Althusser) vai diferenciar *Ideologia em geral* dos outros conceitos com os quais se articula na Teoria do Discurso.

A *Ideologia em geral*, cuja realização não se dava, como vimos, nos aparelhos ideológicos de Estado – de modo que ela não poderia coincidir com uma *formação ideológica* historicamente concreta – não é também a *ideologia dominante*, enquanto resultado de conjunto, forma histórica concreta resultante das relações de desigualdade-contradição-subordinação que caracterizam, numa formação social historicamente dada, o “todo complexo com dominante” das formações ideológicas que nela funcionam. Em

<sup>20</sup> “Todo nosso trabalho encontra aqui sua determinação, pela qual a questão da *constituição do sentido* junta-se à da *constituição do sujeito*, e não de um modo marginal (por exemplo, no caso particular dos ‘rituais’ ideológicos da leitura e da escritura), mas no interior da própria ‘tese central’, na figura da *interpelação*” (PÊCHEUX, 1975, p. 153-154).

outros termos, enquanto “as ideologias têm uma história própria”, uma vez que elas têm uma existência histórica e concreta, a “Ideologia em geral não tem história”, na medida em que ela se caracteriza por “uma estrutura e um funcionamento tais que fazem dela uma realidade não-histórica, isto é, *omni-histórica*, no sentido em que esta estrutura e este funcionamento se apresentam na mesma forma imutável em toda história [...] O conceito de *Ideologia em geral* aparece, assim, muito especificamente como o meio de designar, no interior do marxismo-leninismo, o fato de que as relações de produção são entre “homens”, *no sentido de que não são relações entre coisas, máquinas, animais não-humanos ou anjos, nesse sentido e unicamente nele*. isto é, sem introduzir simultânea, e sub-repticiamente, uma certa idéia de “o homem”, como antinatureza, transcendência, sujeito da história, negação da negação, etc.[...] Muito pelo contrário, o conceito de *Ideologia em geral* permite pensar “o homem” como “animal ideológico” (PÊCHEUX, 1975, p. 151-152, grifos do autor).

Assim, da definição do homem como animal ideológico, Pêcheux (1975) deriva duas proposições:

- 1- Só há prática através de e sob *uma* ideologia;
- 2- Só há Ideologia pelo sujeito e para sujeitos (p. 149).

Considerando que a constituição do sujeito do discurso se dá juntamente com a constituição do sentido no discurso e que ambos os processos se articulam simultaneamente pela interpelação ideológica, Pêcheux conclui que:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (op. cit., p. 160, grifos do autor).

Desta maneira, a questão do funcionamento ideológico da língua nos processos discursivos aparece enunciada e se constitui no

alvo principal da reflexão desenvolvida no livro **Les Vérités de la Palice**. Por outro lado, as múltiplas análises que se sucederam à publicação do grande livro teórico de Michel Pêcheux e que acompanharam as diversas reformulações da teoria e da metodologia de análise almejavam compreender e descrever como essas evidências eram produzidas pela linguagem em diferentes espaços institucionais/discursivos em conjunturas históricas determinadas. Carecemos de tempo nesta nossa apresentação para fazer o percurso das modificações sofridas pela teoria ao longo dos anos. Aqui nos interessa, simplesmente, observar as incidências e os deslocamentos produzidos na teoria a partir desse profícuo trabalho de análise que se seguiu à publicação dos livros de Pêcheux, especialmente de **Les Vérités de la Palice**. Guilhaumou e Maldidier (1979) apontam para algumas conseqüências que tocam diretamente nas questões que perseguimos neste texto, a saber, a questão do caráter complexo de certas realidades (sociedade, grupos sociais, transformação social, dominação, etc.) que constituem o objeto de conhecimento de disciplinas distintas (Sociologia, Filosofia, Linguística, Psicologia, etc.) e a *natureza paradoxal* dos *termos e conceitos* (massas, história, classes, ideologias dominantes, ideologias dominadas, etc.) que as nomeiam e tentam descrevê-las.

Numerosos estudos concretos se inscrevem nesta perspectiva e tentam fazer trabalhar os “elementos conceptuais” em conjunturas históricas determinadas. Não é pura coincidência se o trabalho sobre os conceitos incide ao mesmo tempo sobre o Estado de transição do feudalismo ao capitalismo na França e sobre as “rupturas discursivas” (ROBIN) em diferentes momentos da transição (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 1979, p. 17).

Implicitamente estes trabalhos iam à descoberta de diversas “espécies discursivas” de um “gênero ideológico” em processo de emergir: a ideologia burguesa dominante. [...Porém,] paradoxalmente, a fusão dos funcionamentos descritos nuançava o esquematismo de uma

Teoria do Discurso calcada sobre uma teoria das ideologias. Este esquematismo residia em uma concepção simplista da dominação da ideologia dominante. Lá onde queríamos encontrar os processos discursivos dominantes, efeitos da posse do poder de Estado por uma classe dominante, descrevíamos, de fato, as formações intrincadas, as formas complexas de busca, pela classe dominante e dirigente, do consenso em conjunturas determinadas. Desta maneira, estes trabalhos concretos desembocaram em uma exigência de reformulação (op. cit., p. 19)

Assim, do lado da teoria das ideologias, todo o problema consiste em pôr a trabalhar a categoria marxista de contradição, aquilo que se designa freqüentemente através da fórmula “o primado da contradição sobre a unidade dos contrários” (op. cit., p. 21).

Fazendo trabalhar o conceito de contradição na análise e, conseqüentemente, na teoria, Pêcheux produz uma crítica das categorias materialistas que dão fundamento filosófico à Teoria do Discurso. Essa crítica se funda em uma revisão dos conceitos de ideologias dominantes e dominadas e da relação entre elas estabelecida, crítica que culmina na afirmação do caráter paradoxal destes conceitos. Isto obriga a repensar o funcionamento das práticas históricas de dominação ideológica e a revisar criticamente a descrição proposta até então pelas teorias marxistas. Diversos são os textos onde encontramos desenvolvida esta crítica, entre eles: **Remontémons de Foucault a Spinoza** (1980); **Délimitations, retournements, déplacements** (1982); **Ideology: fortress or paradoxical space** (1983a); **Ideologie – Festung oder paradoxer Raum?** (1983b). Conforme Pêcheux, essas elaborações teóricas

podem ser entendidas como tentativas [se bem-sucedidas ou não é uma outra questão!] de compreender algo do fato específico da ideologia, e, também, uma tentativa de ‘retificar’ a noção de ideologia proletária no marxismo-leninismo com a esperança de se livrar da praga do estalinismo” (PÊCHEUX, 1983a, p. 33, grifos nossos).

Em **Délimitations, retournements, déplacements** (1982), Pêcheux se interroga sobre a relação entre ideologias dominantes e dominadas de acordo com a análise de processos revolucionários acontecidos historicamente na passagem da ordem feudal para a ordem burguesa e nas revoluções socialistas do século XX. O autor afirma que:

A questão histórica das revoluções concerne por diversas vias ao contato entre o visível e o invisível, entre o existente e o alhures, o não-realizado ou o impossível, entre o presente e as diferentes modalidades da ausência [...] Portanto, se no espaço revolucionário tem-se a questão da passagem de um mundo a outro, a relação com invisível é aí inevitavelmente colocada, do mesmo modo como nas formas históricas de contra-revolução: o conjunto constitui um só processo, contraditório, no qual se tramam as relações entre língua e história (PÊCHEUX, 1982, p. 8-9).

É este aspecto contraditório dos deslocamentos ideológicos que o autor quer enfatizar, chamando a atenção para “uma mudança estrutural na formas das lutas ideológicas”. Conforme Pêcheux (1982, p. 15):

A superposição de dois mundos materialmente separados por fronteiras estáveis e visíveis deu lugar à divisão interna de um único e mesmo universo, atravessado por uma fronteira instável e sutil, cuja invisibilidade lhe garantiu a eficácia.

Isso permite concluir que “as ideologias dominadas se formam *sob* a dominação ideológica e *contra* ela, e não em um ‘outro mundo’, anterior, exterior ou independente” (PÊCHEUX, 1982, p. 16, grifos do autor).

Assim, pensar diferentemente a relação das ideologias dominantes e dominadas coloca em termos novos a questão das práticas de resistência e de revolta, consideradas como “falha, desmaio ou rachadura” nos rituais de interpelação ideológica. Isto implica necessariamente não “cegar-se ante o fato de que toda dominação

ideológica é antes de tudo uma dominação interna, quer dizer, uma dominação que se exerce primeiramente na organização interna das próprias ideologias dominadas” (PÊCHEUX, 1982, p. 16).

Em **Ideology: fortress or paradoxical space** (1983a), retomando o texto de sua autoria **Zu rebellieren und zu denken wagen** (Ousar rebelar-se e pensar) ainda inédito, Pêcheux afirma:

O texto trata de conceber a resistência, a revolta e a tendência revolucionária dentro da ideologia como rupturas *internas* do processo de assujeitamento e de interpelação. A principal idéia aí defendida é que a ideologia dominante não é jamais dominante sem contradição; que não haverá jamais *qualquer* ritual ideológico sem falhas; e que estas múltiplas falhas são, de fato, o espaço para a constituição das ideologias *dominadas*. Estas não são nem um simples reflexo da ideologia dominante na ideologia dominada nem um germe independente *sui generis*. Desta maneira, as ideologias dominadas parecem estar aprisionadas no paradoxo de uma ambigüidade que nunca pára de deslocá-las através da desregionalização: uma tendência dessidentificadora das massas para o não-Estado (PÊCHEUX, 1983a, p. 32, grifos do autor).

A mesma crítica aparece desenvolvida no texto **Remontémons de Foucault a Spinoza** (1980)

O proletariado não pertence pois a um outro mundo que conteria como um germe independente *sua própria ideologia*, logo, uma essência ideológica certamente travada, rejeitada, dominada, mas que estaria, contudo, pronta para surgir toda armada como Atená para dominar também, por sua vez, quando chegasse o dia. Trata-se de uma falsa concepção da ideologia dominada: não se trata na realidade de uma dominação externa constituída como a tampa burguesa sobre a marmita das idéias revolucionárias, mas trata-se, sim, de uma dominação que se manifesta pela organização interna mesma da ideologia dominada. [...] Trata-se de pensar, então, a propósito da

ideologia, a *contradição de dois mundos em um só*, pois conforme afirma Marx, “o novo nasce no antigo”, afirmação que foi reformulada por Lênin como “O Um se divide em dois” (PÊCHEUX, 1980, p. 257-258).

O **Traité des autorités théologique et politique** de Espinosa mostra que o “axioma da identidade” não se aplica ao objeto *ideologia*; e toda a prática da luta de classes sobre o terreno da ideologia vem confirmar isto: uma ideologia não é idêntica a si mesma, ela só existe sob a modalidade da divisão, ela só se realiza na contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários (PÊCHEUX, 1980, p. 255).

A partir desta revisão e reformulação dos conceitos de *ideologias dominantes* e *ideologias dominadas*, Pêcheux pôde desenvolver uma forte crítica teórica e, sobretudo, política, às correntes marxistas ortodoxas, alertando-as com aguda perspicácia (válida ainda hoje) sobre o fato de que as representações e práticas políticas à esquerda, que insistem em estabelecer fronteiras bem definidas, em produzir a fortificação e encastelamento das posições ideológicas, em dividir o campo político-ideológico pela oposição polarizada de mundos paralelos, impedem não só compreender o funcionamento complexo das ideologias dominantes e dominadas no mundo contemporâneo, mas, e é este seu aspecto mais grave, inviabilizam uma prática política eficaz contra as formas voláteis mas eficientes de dominação ideológica do capitalismo desenvolvido. Encontramos esse grito de alerta no texto **Ideologie – Festung oder paradoxer Raum?** (1983b),<sup>21</sup> onde Pêcheux afirma:

Finalmente, esta metafísica marxista que continua considerando a classe trabalhadora como um *objeto* é cega para sua decomposição social, que a afeta principalmente nos países ocidentais, por meio de um processo combinado de fragilização do indivíduo [experiência de perder as raízes, da solidão, do

<sup>21</sup> “Ideologia – fortificação ou espaço paradoxal?” (1983b). Agradeço a José Horta Nunes (Unesp - S.J. do Rio Preto) por ter me facilitado uma cópia do texto na sua versão original em alemão e a Cármen Bolognini Zink (Unicamp) por me permitir aceder à tradução do texto antes de sua publicação.

vazio interior] e do Estado cuidando de seu bem-estar (PÊCHEUX, 1983b, p. 384, grifos do autor).

Os campos discursivos do capitalismo desenvolvido, por outro lado, principalmente aqueles que se desdobraram no âmbito de seu núcleo, “des-locaram” o discurso político: trabalha-se aqui sem fronteiras pré-estabelecidas, uma vez que esse trabalho diz respeito às fronteiras da própria língua, do significado dos enunciados, e da posição de sujeito, que se deixam inscrever aqui: esses campos onde “o mesmo está inscrito no outro” removem ininterruptamente os pontos discursivos de submissão/ assujeitamento ideológicos e os lugares, a partir dos quais é possível de enunciar a resistência, sem que a lógica dessa remoção possa jamais ser descrita em um sistema fechado... Não existe um “Jogo de todos os jogos” (PÊCHEUX, 1983b, p. 385)

E aqui nos deparamos com a originalidade da proposta de Michel Pêcheux e da articulação conceitual língua/discurso/ideologia/história/sujeito que ele propõe. Pela linguagem, pelo funcionamento da língua na história, pelas evidências produzidas pelo discurso, podemos apreender a natureza paradoxal dessas realidades complexas à luz das quais a Lingüística, a Semântica, a Sociologia, a Psicologia, a Filosofia constituem seus objetos de conhecimento. É também pelo discurso que podemos compreender os efeitos contraditórios e paradoxais dessas evidências nos processos de identificação/subjetivação político-ideológica, porque a existência do invisível e da ausência que trabalha internamente as relações de dominação/resistência está estruturalmente inscrita nas formas lingüísticas.

Através das estruturas que lhe são próprias, toda língua está necessariamente em relação com o “não está”, o “não está mais”, o “ainda não está” e o “nunca estará” da percepção imediata: nela se inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível (PÊCHEUX, 1982, p. 8).

É, enfim, atentando para o funcionamento primordial da linguagem na luta ideológica, que podemos trabalhar teórica e politicamente formas diversas de resistência. Porque, como afirma Pêcheux:

A luta ideológica não tem nada a ver com o chamado mal-entendido semântico que daria lugar a problemas de lacunas que poderiam desaparecer sob a luz da formulação de uma semântica universal. No terreno da linguagem, a luta ideológica de classes é uma luta pelo sentido das palavras, expressões e frases, uma luta vital para cada uma das classes que se confrontam ao longo da história até o presente (PÊCHEUX, 1978, p. 266)

Neste sentido, Pêcheux propõe considerar as lutas de deslocamento ideológico que intervêm na reprodução/transformação das relações de classe, sem se inscrever na lógica da fortificação ou oposição estável de posições *prévias*. Já no seu texto **Délimitations, retournements, déplacements** (1982), o autor nos convidava a

aceitar questionar a lógica paranóica dos efeitos de fronteira para discernir os elementos de resistência e de revolta que se deslocam sob as lógicas estratégicas da inversão: aceitar heterogeneizar o campo das contradições para esquivar as simetrias que aí se instalam (PÊCHEUX, 1982, p. 20).

Em **Ideologie – Festung oder paradoxer Raum?** (1983b), Pêcheux retoma a questão, pensando os processos de interpelação ideológica como lugar de resistências múltiplas:

Trata-se, portanto, de uma série de choques que questionam a definição e fronteira do “discurso político”, na medida em que se baseia nos processos através dos quais o domínio/exploração capitalista se reproduz (no campo da sexualidade, da vida privada, do ambiente, da educação, etc.) adaptando-se, transformando-se, reorganizando-se. Pois “reprodução” nunca significou “repetição do mesmo”. As proposições de Althusser sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado, que procuram dar

continuidade a determinadas colocações de Gramsci a respeito do conceito de hegemonia e da proximidade invisível do Estado no cotidiano, constituem uma ajuda valiosa nessa direção, se elas forem interpretadas de tal forma que os processos de reprodução ideológica [que produzem a evidência do sentido, na qual o sujeito se constitui como sujeito pleno de sentido, origem de si mesmo, de seu pensamento, gestos e palavras] sejam também considerados como lugar de *resistência múltipla*. Lugar onde surge constantemente o imprevisível, porque cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções (PÊCHEUX, 1983b, p. 383)

São essas múltiplas lutas de deslocamento ideológico, pequenas e instáveis, mas nunca insignificantes na sua originalidade, que é necessário compreender se se quer entender o funcionamento da sociedade e da história, que não são nem uma “justaposição caótica nem uma integração orgânica” de sujeitos. Pêcheux chama nossa atenção para este aspecto, também no seu texto **O Discurso – Estrutura ou Acontecimento** (1983):

[...] não há identificação plenamente bem sucedida, isto é., ligação sócio-histórica que não seja afetada de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o *outro*, objeto da identificação. É mesmo talvez uma das razões que fazem que exista algo como sociedade e história, e não apenas uma justaposição caótica [ou uma integração supra-orgânica perfeita] de animais humanos em interação... (PÊCHEUX, 1983c p. 56-7).

### Considerações finais

Podemos assim voltar às frases que retivemos das resenhas aparecidas na época da publicação de **Les Vérités de la Palice**. Nelas podemos verificar o equívoco constitutivo das posições contra as quais Pêcheux desenvolveu ao longo de sua vida uma crítica teórica e política feroz, a saber, a definição da sociedade e da história como:

- uma coisa, um mecanismo, uma máquina que pode funcionar mal e que, portanto, necessita controle, monitorização e reparação; ou como

- um agente animado, considerado como um projeto articulado em comum a partir de tomadas de decisão consensuais; a idéia de uma comunidade de interesses ou de uma racionalidade do agir coletivo.

Contra essas posições, Pêcheux defende a natureza paradoxal dessas realidades complexas e da singularidade das lutas que as atravessam:

A singularidade dessas lutas de deslocamento ideológico que ocorrem nos mais diversos movimentos populares consiste na apreensão de objetos [constantemente contraditórios e ambíguos] paradoxais, que são, simul-taneamente, idênticos em si mesmos e se comportam antagonicamente em relação a si mesmos [...] Esses objetos paradoxais [com o nome de Povo, Direito, Trabalho, Gênero, Vida, Ciência, Natureza, Paz, Liberdade] funcionam em relações de força móveis, em transfor-mações confusas, que levam a concordâncias e oposições extremamente instáveis (PÊCHEUX, 1983b, p. 383).

É no seio destes paradoxos, na materialidade ideológica destes nomes, que a semântica toca na política, indefectivelmente. Fato ao qual aponta Pêcheux quando, na página 30 de **Les Vérités de la Palice** (1975), destaca os efeitos gaguejantes que esses objetos/sujeitos (*as massas, a vontade do povo, a França*) produzem nas máquinas semânticas e informáticas de classificar. Então, Pêcheux escreve concluindo: *Os frios espaços da semântica exalam um sujeito ardente*.

Com essa metáfora quero terminar este meu texto. Lembrando dos milhares de sujeitos ardidos pelo sol, pela sede, pela fome, pela guerra, pela indiferença; e lembrando, também, dos outros tantos que ensaiam formas várias de resistência na rua, no campo, na selva, e fazem arder as máquinas de classificar que se esforçam sempre renovadas em prendê-los, enquadrá-los, esmagá-los nas identidades previsíveis do discurso administrativo, do direito, do consenso, do jogo

democrático, das liberdades individuais, do livre mercado, da guerra preventiva, da produtividade acadêmica.

E é lembrando de e querendo compreender esses sujeitos teimosos, ensimesmados e ardentes, que resistem coletivamente ao rolo compressor das identificações individualistas e univer-

salizantes que fazem do sujeito mero suporte biológico de deveres e direitos, que defendo e desejo, nos frios espaços do academicismo universitário, alguns poucos sujeitos ardentes, que, levando aos extremos as questões imperdoáveis, nos sacudam, como Michel Pêcheux, com seus textos malditos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COUSINS, M.; HUSSAIN, A. The question of ideology: Althusser, Pêcheux and Foucault. In: LAW, J. (Org). **Power, action and belief**. A new Sociology of Knowledge? London: Routledge Kegan Paul, 1986. p. 158-179.

FAYE, J. P. **Langages totalitaires**. Paris: Hermann, 1972. 721 p.

FRANÇOIS, F. Compte-rendu. Michel Pêcheux. Les Vérités de la Palice. **Journal de Psychologie normale et pathologique**, Paris, v. 73, p. 490-491, 1976.

FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1978. 157 p. Edição original: 1892.

GABAUDE, J. M. Compte-rendu. Michel Pêcheux. Les Vérités de la Palice. **Revue Philosophique de Louvain**, Louvain-la Neuve, v. 78, n. 37, p. 159-160, fev. 1980.

GUILHAUMOU, J. ; MALDIDIER, D. Courte critique pour une longue histoire. L'analyse du discours ou les (mal) leures de l'analogie. **Dialectiques**, Paris, 26. p. 7-23, 1979.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, F.; CAMPO, M. C. (Org). **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000. p. 70-81.

MALDIDIER, D. (Re)lire Michel Pêcheux aujourd'hui. In: \_\_\_\_\_. **L'inquietude du discours**. Paris: Éditions des Cendres, 1990. p. 8-89.

MARCELLESI, J. B. ; GARDIN, B. **Introduction à la sociolinguistique: la linguistique sociale**. Paris: Hachette, 1974. 263 p.

ORLANDI, E. P. de. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999. 100 p.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes: 2001. 218 p.

PÊCHEUX, M. **Les Vérités de la Palice. Linguistique, Semantique, Philosophie**. Tradução de Eni P. de Orlandi et al. Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. 317 p. Edição original: 1975.

PÊCHEUX, M. Remontons de Foucault à Spinoza (1977). 1. ed. em espanhol: Monteforte Toledo (Org) **El discurso político**. México: Nueva Imagen, 1980.

- PÊCHEUX, M. Are the Masses an inanimate Object? In: SANKOFF, D. (Org.). **Linguistic variation**. Nova York: Academic Press, 1978. p. 251-267.
- PÊCHEUX, M. Effets discursifs liés au fonctionnement des relatives en français. **Recherche de psychologie sociale**, Paris, n. 3, p. 97-102, 1981.
- PÊCHEUX, M. Délimitations, retournements, déplacements. **L'Homme et la Société**, Paris, n. 63-64, p. 53-69, 1982. Tradução de José H. Nunes. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas: IEL/Unicamp, n. 19, p. 7-24, 1991.
- PÊCHEUX, M. Ideology: Fortress or Paradoxical Space. **Das Argument**, Berlin, n. 84, p. 31-35, 1983a.
- PÊCHEUX, M. Ideologie – Festung oder paradoxer Raum? **Das Argument**, Berlin, n. 139, p. 379-387, 1983b.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990. 68 p. Edição original, 1983c.
- REIX, A. Compte-rendu. Michel Pêcheux. Les Vérités de la Palice. **Revue Philosophique de la France et de l'étranger**, n. 1, p.104-105. Paris, jan./mar. 1976.
- ZANDWAIS, A. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE ANÁLISE DO DISCURSO. MICHEL PÊCHEUX E ANÁLISE DE DISCURSO, UMA RELAÇÃO DE NUNCA ACABAR, 1., 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, nov. 2003. p. 1-6.
- ZOPPI-FONTANA, M. Um estranho no ninho: entre o jurídico e o político, o espaço público urbano. **RUA-Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade**, Campinas: Nudecri, número especial, p. 53-65, 1999.
- ZOPPI-FONTANA, M. Lugares de enunciação e discurso. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística**, Maceió: Edufal, n. 23, p. 15-24, jan./jun. 1999.
- ZOPPI-FONTANA, M. Identidades (in)formais. Contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. **Organon**, Porto Alegre, p. 245-282, 2003.

*Campinas, maio de 2005.*

*Versão modificada em maio de 2005.*

## SOBRE A AUTORA

**Mônica G. ZOPPI-FONTANA** é doutora em Lingüística pela Unicamp. Professora de Semântica e Análise de Discurso do Departamento de Lingüística e do Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Unicamp. Líder do grupo de pesquisa *Lugares de enunciação e Processos de Subjetivação* (CNPq/Unicamp). Membro dos grupos de pesquisas *História das Idéias Lingüísticas no Brasil* e *Núcleo de Jornalismo Científico* (CNPq/Unicamp). Autora de vários artigos, entre os quais *Acontecimento, arquivo, memória: às margens da lei*; *A arte de cair fora – O lugar do terceiro na enunciação*; *Identidades (in)formais. Contradição, processos de designação e subjetivação na diferença*; *Lugares de enunciação e discurso*; *O político na linguagem*. Autora de vários capítulos de livros, entre os quais *É o nome que faz fronteira*; *Leitura, silêncio, memória. Leituras urbanas e práticas de exclusão*; *Limiares de Silêncio. A Leitura Intervalar*; *O Outro da Personagem: Enunciação, Exterioridade e Discurso*. Co-autora do livro *Análisis Lingüístico y el Discurso Político. El Poder de Enunciar*. Autora do livro *Cidadãos Modernos. Discurso e Representação Política*. meio de conceitos”.